

SEMINÁRIO 3- BION & MELTZER

FORMADOR: DR. LUÍS BARBOSA
FORMANDA: ANA RITA SOUSA LOBO

*Não me atrevo
Perturbar o universo?
(...)*

*E ainda assim me atreveria?
E como eu devo começar?*

TS Eliot - The Love Song of J Alfred Prufrock

As (im) possibilidades do desenvolvimento e expansão do pensamento inteligente: contributo das investigações psicanalíticas de Bion

Introdução

O homem sempre teve uma relação complexa com o saber. Basta relembrar o mito da expulsão do paraíso para perceber que a busca do saber sempre esteve associada a fantasias inconscientes ligadas a perigos terríveis. Seria útil distinguir, desde já, que a ignorância ou o não-saber por inacessibilidade à informação, é muito diferente da *estupidéz*, cuja atitude está ligada à arrogância, a uma ausência de vontade saber ou compreender, que fomenta um tipo de pensamento esclerosado, cristalizado ou mecanicista, pleno de certezas absolutas, que espalha aos sete ventos que fora dos seus limites algo muito perigoso espreita.

Em pleno século XXI considera-se que o paradigma mecanicista e reducionista do pensamento humano está a dar lugar a um novo paradigma (Edgar Morin, 1991) que se funda na natureza complexa e não linear / rígida do pensamento. A premência num posicionamento mais global, holístico, multidisciplinar ou sistêmico, e o “Pensar fora da Caixa”, defendem um esforço no sentido de sair do conhecido e poder ver mais além, introduzindo na actividade reflexiva, entre outros factores, as emoções, a criatividade e o lúdico. No entanto questionamos se estaremos verdadeiramente esclarecidos e se compreenderemos bem o significado desta necessidade de ultrapassar uma suposta rigidez mental “*estupidificante*” e se hoje somos naturalmente mais capazes de uma maior eficiência e inteligência, no modo como pensamos e conhecemos, do que noutros tempos.

“Sócrates – Agora imagina a maneira como segue o estado da nossa natureza relativamente à instrução e à ignorância. Imagina homens numa morada subterrânea, em forma de caverna, com uma entrada aberta à luz; esses homens estão aí desde a infância, de pernas e pescoços acorrentados, de modo que não podem mexer-se nem ver senão o que está diante deles, pois as correntes os impedem de voltar a cabeça; a luz chega-lhes de uma fogueira acesa numa colina que se ergue por detrás deles (...). Considera agora o que lhes acontecerá, naturalmente, se forem libertados das suas cadeias e curados da sua ignorância. Que se liberte um desses prisioneiros, que seja ele obrigado a endireitar-se imediatamente, a voltar o pescoço, a caminhar, a erguer os olhos para a luz: ao fazer todos estes movimentos sofrerá, e o deslumbramento impedi-lo-á de distinguir os objetos de que antes via as sombras (...). Não achas que ficará embaraçado e que as sombras que via outrora lhe parecerão mais verdadeiras do que os objetos que lhe mostram agora?”

*A República
Platão*

Na aurora do pensamento Grego as questões ligadas à eficiência do pensamento e à inteligência e como estas se ligavam ao conhecimento, à complexidade e à verdade já se

SEMINÁRIO 3- BION & MELTZER

FORMADOR: DR. LUÍS BARBOSA
FORMANDA: ANA RITA SOUSA LOBO

impunham. Percebia-se que pensar sempre *dentro da caixa* não era mais do que conhecer muito bem uma mesma caverna obscura. Platão relatou na República como o homem se imagina conhecedor de todo o universo, enquanto, na verdade, conhece minuciosamente cada parte, por pequena que seja, da sua “*caverna*”, sem jamais vislumbrar seu exterior. A complexidade não era o detalhe da caverna. Era poder atrever-se a sair dela suportando a luz, que equivalia ao confronto com a verdade e com o esclarecimento, mas também com a incerteza e o caos.

A noção de que a expansão e complexificação inteligente do pensamento acarretam várias dificuldades e obstáculos é muito antiga. No entanto se observarmos a proliferação, na história do pensamento humano, dos movimentos de racionalização e intelectualização, que de um modo generalizado se consideram ser por excelência “inteligentes”, e o movimento paralelo de expulsão das emoções, classificadas como movimentos primitivos, incómodos e que só atrapalham, podemos perceber o enorme receio de compreender e integrar outros aspectos humanos nos processos de desenvolvimento da inteligência, por serem considerados imprevisíveis e caóticos. Neste sentido efectuam-se clivagens que conduzem a leis mecanicistas e ordeiras, que no limite “*cegam*” e “*estupidificam*”, em prol de supostos “*portos seguros*”.

Nesta linha Bion extraordinariamente, e através das suas investigações psicanalíticas, posiciona-se de modo muito diferente. Para Bion para existir pensamento tem de existir um pensador, ou seja, um sujeito que pensa os pensamentos. No entanto para existir um sujeito pensante também tem de existir certas condições de possibilidade, emocionais e psíquicas, para que a mente desse sujeito possa suportar a sua própria expansão, ou crescimento mental e a contemplação da verdade (conhecimento e saber). Brillantemente Bion indaga e desenvolve cogitações acerca de como é possível a transformação do horror do desconhecido e do desamparo, que são vivências emocionais primitivas, em pensamento inteligente. No fundo Bion alerta-nos que antes do nos deslumbramos com a nossa sapiência (*homo sapiens sapiens*), talvez seja mais importante percebermos quais são as condições de (im) possibilidade para o desenvolvimento da inteligência.

Obstáculos ao pensar e à inteligência

"Só duas coisas são infinitas, o universo e a estupidez humana, mas não estou seguro sobre o primeiro".

Albert Einstein

Ausência/perturbação na função alfa e de rêverie (o conteúdo sem continente e o continente sem conteúdo)

Em Bion a capacidade de receber um conteúdo, que é novo e desconhecido, depende primeiro da experiência de contenção, que inicialmente é promovida por algo externo ao bebé – a mãe. Assim a matéria bruta ou elementos beta - emoções puras como por exemplo a fome (a mais primitiva) - é devolvida em matéria criativa ou elementos alfa, assim como o modo de o fazer / transformar esses elementos - a função alfa. A introjecção da função alfa

SEMINÁRIO 3- BION & MELTZER

FORMADOR: DR. LUÍS BARBOSA
FORMANDA: ANA RITA SOUSA LOBO

permite ao bebé desenvolver a sua própria capacidade de traduzir e metabolizar os seus elementos beta, sem a necessidade de os evacuar (elementos expulsos não metabolizados) A retenção dos conteúdos (beta transformado por alfa) dependerá da capacidade de os simbolizar (função alfa), que depende, por sua vez, da **tolerância emocional ao desconhecido**, ao não saber. Quando a função alfa não foi integrada, a possibilidade de pensar os pensamentos, ou transformar matéria não-pensável (elementos beta) em matéria pensável (elementos alfa) fica gravemente em causa, surgindo uma incapacidade de contenção / retenção dos conteúdos mentais, instalando-se uma “*tendência a evacuar*” esses mesmos conteúdos, manifesta na experiência que usualmente se descreve como “*cair em saco roto*”. Na mesma linha, e também, o princípio da realidade não é bem integrado. A realidade fica povoada de angústias fantasmáticas aterradoras - terror sem nome - bloqueando a investigação e a exploração da mesma. A aprendizagem com a experiência, carregada de sentimentos de medo e de desamparo perante o desconhecido reduz o espaço mental do sujeito e este, imobilizado no seu psiquismo, cristaliza a sua faculdade inteligente, sendo-lhe então impossível pensar os pensamentos, não se podendo desenvolver como pensador. Perante a ausência experiência de rêverie e de função alfa, através da forma de comunicação primitiva que é a identificação projectiva, que ao nível da relação mãe-bebe funciona como a primeira forma de comunicação, as experiências emocionais não tem um significado e um nome, acumulando-se no psiquismo. Assim, intoxicada por elementos beta não metabolizados (não-saber ou não-compreensão), a psique ou adocece, tomada por um Terror sem nome, num registo esquizo-paranoide, ou mecaniza-se esvaziando-se das suas experiências emocionais pela identificação projectiva, como defesa evacuativa, por serem impossíveis de pensar, adoecendo os outros...

“A instalação do medo”

Dois homens batem à porta. «Bom dia, minha senhora, viemos para instalar o medo. E, vai ver, é uma categoria».

Rui Zink

Os conteúdos, nomeadamente o ameaçadores e hostis, (sem nome) são lançados para dentro da mãe que os “*mastiga*”, transforma e devolve (dá um nome e um significado). É esta função de transformar uma coisa *indigerível em outra coisa digerível* (nomear e significar) que permite a construção de um aparelho mental capaz de suportar a tensão. As ansiedades muito intensas e não metabolizadas bloqueiam o curso normal da curiosidade e da exploração da vida. O medo muito intenso liga-se então fantasias terríveis. O teste da realidade é posto em causa ou porque a actividade de fantasiar e a criatividade ficam paralisadas, ou porque as fantasias terríveis projectadas de modo onipotente e alucinatório são tomadas pela propria realidade. O funcionamento mental fundado no medo conduz a uma *indistinção entre fantasia e realidade*, do símbolo com o simbolizado, entre mundo interno e externo e entre as palavras e as coisas, sendo muitas vezes as palavras tomadas como as próprias coisas (pensamento concreto). Com o medo instalado no psiquismo, ou como patologia mental ou como “*estupidificação*”, surge a mecanização e a mortificado da actividade inteligente, na medida em que não pode ter contacto com emoções terríveis não-transformadas e logo não-pensáveis.

SEMINÁRIO 3- BION & MELTZER

FORMADOR: DR. LUÍS BARBOSA
FORMANDA: ANA RITA SOUSA LOBO

Intolerância à dor mental

"Os piores senhores eram os que se mostravam mais bondosos para com seus escravos, pois assim impediam que o horror do sistema fosse percebido pelos que o sofriam, e compreendido pelos que o contemplavam."

Oscar Wilde

Para não ter que lidar com a dor ou com o terror interno, o sujeito *"transforma-se numa pedra"*. O fraco desenvolvimento da função alfa leva a uma construção de um aparelho psíquico frágil que não tolera a dor/tensão mental, confluindo numa incontinência mental, hemorrágica que esvazia a vida mental do indivíduo. A função alfa, de integração do pensamento, que passa pela capacidade de formar vínculos, captada na relação com a mãe, quando fortemente atacada não gera um pensador, mas antes um executor e um evacuador. A identificação projetiva passa a actuar não como forma básica de comunicação, mas apenas como defesa evacuativa. O pensamento linear funda-se nesta característica, pois tudo que não cabe na sua estrutura é evacuado. A imaturidade e a debilidade do psiquismo e a experiência de vazio emocional (por evacuação constante dos conteúdos mentais) conduz ao empobrecimento, à cristalização defensiva e à insegurança do sujeito. Sentimentos de apatia, tédio, torpor, a incapacidade de percepção das próprias emoções, da mentalização e do próprio processamento simbólico matam a criatividade e a vivacidade do indivíduo, mantido pelo estado de não-integração. O desânimo e o vazio, por vezes um vazio de morte, pode assumir ou formas clínicas como um estado de desistência, abolição dos desejos, em que o único desejo passa a ser o de nada desejar, depressões severas, dependências químicas ou de jogos, anorexia, bulimia ou a psicossomática, num esforço em se alienar da dor / terror, ou então mortifica-se, mecaniza-se, *"estupidifica-se"*. Desenvolve-se um super-super ego para zelar implacavelmente pela construção mentirosa, mecanizada, absoluta e inquestionável, de um sistema que serve para alienar o sujeito do que no fundo é mesmo perigoso e terrível: o seu mundo interno obscuro e desconhecido.

O trio psicótico: arrogância, curiosidade e estupidez

"Em algum remoto lugar do universo cintilante que se encontram em um sem-número de sistemas solares havia uma vez um astro, em que animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais arrogante e mentiroso da "história universal", mas também foi somente um minuto. Passados poucos fôlegos a natureza congelou o astro, e os animais inteligentes morreram."

Nietzsche, Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral

*"Vários filósofos discutiam há horas se o real existia.
Diógenes arranja um tronco de árvore chega
e começa a bater em todos e diz: "Este é o meu argumento".*

Cit. por Jean-Luc Mélenchon

SEMINÁRIO 3- BION & MELTZER

FORMADOR: DR. LUÍS BARBOSA
FORMANDA: ANA RITA SOUSA LOBO

A tendência para os debates de homens, que se pensavam esclarecidos, caírem numa mistificação aparece regularmente ao longo da história do pensamento. O processo de busca do conhecimento é doloroso, moroso e difícil. Para não percebermos alguns factos dolorosos assim como para não lidarmos com o vazio da nossa aterradora ignorância, são construídos desvios ao pensamento e ao conhecimento. A tendência humana para evitar o sofrimento, onde a pulsão de autoconservação entra em choque com a pulsão epistemofílica, é responsável pelo desvirtuamento do vínculo K (que advém da pulsão para conhecer a verdade) conduzindo à mentira, ou ao -K (não conhecer, não saber), movimentos ou paralisações para evitar a dor de verdades intoleráveis, para não enfrentar o medo do desconhecido, ou para não transgredir as proibições que mantém a construção securizante, mas mentirosa. Tal como a fábula é santificada e o rei e os membros da sua corte mais os seus tesouros são enterrados numa tumba (santificada pela morte enterro do rei), o saque 400 anos mais tarde revela a coragem dos saqueadores, profanadores do santuário, que à parte do acto de pilhagem, são percursos do processo científico, tendo ousado enfrentar e trespassar as fantasmagóricas sentinelas dos mortos e dos maus espíritos. Assim o ego que não quer conhecer as verdades, constrói estruturas falsas e substitui a busca por uma omnisciência, prepotência, onnipotência, tão clara na arrogância. A curiosidade arrogante opõe-se à curiosidade natural e sadia ficando ao serviço da destrutividade e da estupidez, uma espécie de “emburrecimento”, que para serem transformados dependem da coragem que o psicanalista por vezes precisa de ter para trespassar os santuários do inconsciente, experiencia emocional que envolve um grau de medo importante.

O falso saber ansioso como defesa contra a angústia de não-saber

É na relação continente conteúdo que se vai gerar elementos alfa – que permitem suportar a angústia de não-saber e tolerar a frustração. Sem a capacidade de reter os conteúdos e a capacidade de os simbolizar é impossível tolerar o não— saber. Assim ansiosamente e defensivamente a mente cria falsos conteúdos para taparem angústia de não saber, que saturam o espaço mental de “lixo mental”. Este “lixo mental”, elementos não transformados (trabalhados, elaborados, dissolvidos, partidos em elementos mais pequenos e distribuídos convenientemente para poderem ser utilizados), torna-se psiquicamente tóxico. A matéria não digerida impede a formação do pensamento simbólico e inteligente, que detém a capacidade do negativo, a capacidade de suportar o não-saber ou de delimitar o mundo interno do externo. Neste sentido não se deverá temer o espaço vazio de criatividade, em que a mente não está saturada por memória, desejo e ansia de compreensão imediata. Este espaço vazio possibilita a atenção, a aprendizagem com a experiencia e com o novo, a partir da relação que decorre no momento. Na mesma linha, a mente do analista não pode estar saturada por memória, desejo e ansia de compreensão imediata uma vez que precisa de reconhecer quando se depara com o desconhecido ou o novo.

Saturação do espaço mental

“O nosso país está demasiado “cheio” (de informações, imagens, bugigangas de toda a espécie) e quanto mais se enche mais se enterra o vazio essencial a que não se dá a importância que tem. Acreditamos que a informação que, por definição, vive da positividade do dado, do pleno, que nos enche os olhos e o cérebro criando a ilusão de pensamento, pode ser tratada

SEMINÁRIO 3- BION & MELTZER

FORMADOR: DR. LUÍS BARBOSA
FORMANDA: ANA RITA SOUSA LOBO

de outra forma. A massa de informação a que hoje temos acesso contribui para uma espécie de visão global que faz da realidade um conjunto de coisas e factos objectivos – de que decorre ao mesmo tempo a despoetização do mundo e um crescente caos afectivo. Contra isso, acreditemos nas virtudes do vazio.”

José Gil

A saturação da mente pode contribuir para que as palavras sejam aprisionadas à pura literalidade, a equação simbólica, onde a metáfora é impossível e as palavras são “objectos”. O aprisionamento a estes “objetos”/ palavras entope o pensamento, de “entulho”, “lixo”, partes inutilizadas, tal e qual como numa casa abandonada se acumulam todo o tipo de objectos inúteis. O espaço mental disponível a construção da subjectividade fica então diminuto, e o sujeito fica sem um “Eu” capaz de se anunciar e de fazer sentido. E os pensamentos perdem o pensador...

-K : os anti-vínculos do anti-pensamento

Bion, na sua *Teoria do Pensar* considera que a incapacidade para aprender com os sentimentos é equivalente à psicose. Esta falência na capacidade de aprender com a experiência emocional (função alfa) produz sensações vagas, impede o discernimento e a significação inteligente. Em vez desta capacidade surge um imperativo da falsidade e da mentira, por negação de conhecimentos ou ataques aos vínculos preceptivos. É a parte psicótica da personalidade, responsável pelos distúrbios de pensamento, que impossibilita o sujeito de entrar em contato com as emoções provenientes da realidade em geral, externa e interna, para esconder um acumular das experiências de intolerância à frustração, de ódio à realidade, de terror sem nome, crueldade do superego e rivalidade. O sujeito alienado evita a dor mental, contrária à capacidade de síntese e à saúde mental, acreditando em todos os mitos que coabitem com os movimentos (– K), ou seja, que signifiquem ataques aos vínculos do conhecimento (K), ou a uma negação profunda, onde o pensamento é totalmente interdito (mitos como o da expulsão do paraíso ou religiões fundamentalistas) é ou totalmente atacado (ideologias como o Nazismo, onde a queima de livros é exemplar desde movimento - K).

Conclusão

Poder recuperar as questões e as investigações relativas às condições de possibilidade para o desenvolvimento do pensamento inteligente e como é feita (ou não) a integração dos aspectos da vida emocional penso ser um movimento importante, não só para a formação de um psicanalista, como para a reflexão sobre questões sociais, políticas, entre outras. Será que pode existir um pensamento inteligente sem um sujeito vivo, com emoções e subjectividade (consciência)? Não será de facto a inteligência orgânica? Não terá um ciclo de vida e de morte?

E como poderemos pensar a tendência para uma cultura pseudo-mental, incentivada pela saturação da informação e dos estímulos, de busca do imediato, que reduz em espaço e em

SEMINÁRIO 3- BION & MELTZER

FORMADOR: DR. LUÍS BARBOSA
FORMANDA: ANA RITA SOUSA LOBO

tempo a experiência mentalizável, necessária para ser, pensar e amadurecer. Encontramos tantos exemplos na proliferação de Shows de TV que apelam ao primitivo, as competições patetas, os debates imbecis e a atitude arrogante de resposta rápida e preguiçosa onde a incerteza, o sofrimento, o tempo de espera, tendem a ser negadas ou então transformadas num *show off* espetacular.

E como podemos pensar o significado de radicalização de “cura” e uma intolerância à dor mental que pode produzir aberrações como por exemplo no último DSM-V, onde há uma defesa do que parece ser uma “psiquiatrização” do luto, considerado patológico ao fim de duas semanas de sentimentos de tristeza...Em última análise, pode ser uma recusa onipotente da mortalidade, que é importante pensar...

No vértice Bioniano o fenómeno central da psicanálise converge com o princípio de infinitude e, sobretudo, com o princípio da incerteza. Tenta mostrar com o conceito de “O” que existe um ponto em todo vínculo onde não podemos saber o que é do analista e o que é do paciente; ou o que é do bebê e o que é da mãe ou mesmo o que é do grupo ou do indivíduo. Mas a introdução deste princípio da incerteza é perspectivado não como um ponto a temer por ser algo indeterminado ou desconhecido mas antes como um novo ponto de partida em busca de mais saber. Neste sentido, em vez de um paradigma rígido, Bion oferece-nos uma abertura importante, que convém reter, perante ataques ao pensamento inteligente e à subjectividade, pois priva as pessoas do refúgio numa “autoridade” e co-responsabiliza-as na regulação e indagação da validade e qualidade do que se está a passar consigo mesmas. Neste sentido Bion afasta a ideia pretensiosa de que o analista sabe mais do que o próprio analisando permitindo que a experiência analítica desenvolva o analisando como um ser inteligente. Só assim a experiência analítica não será uma rivalidade estéril em que se disputa “saberzinhos” mas, pelo contrário, permitirá expandir o espaço interno para questionar e expandir o saber, não só na análise mas também na vida. Para que a resposta não seja a desgraça da pergunta...

Bibliografia:

Bion, W. (1957). The differentiation of the psychotic from the non-psychotic personalities, International Journal of Psycho-Analysis, vol.38.

Bion, W. (1957). On Arrogance, 20th International Congress of Psycho-Analysis, Paris.

Bion, W. (1959). Attacks on linking, International Journal of Psycho-Analysis, vol.40.

Bion, W. (1979). Making the best of a Bad Job. Bulletin British Psycho-Analytical Society, February 1979.

Eliot, T.S. (1888–1965). Prufrock and Other Observations. 1920.

SEMINÁRIO 3- BION & MELTZER

FORMADOR: DR. LUÍS BARBOSA
FORMANDA: ANA RITA SOUSA LOBO

Gil, J. (2012). O vazio das não-notícias. Público de 5 de Março 2012.

Mélenchon, J-L (2013). A social-democracia é um produto tóxico. Entrevista ao Jornal I a 15 de Julho 2013.

Morin, E. (1991). Introdução ao Pensamento Complexo. Instituto Piaget

Nietzsche, F. (1873). Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral. O livro do Filósofo.

Platão (IV a.c). A República. Fundação Calouste Gulbenkian. 2001.

Symington, J. & Symington, N. (1999). O pensamento Clínico de Wilfred Bion. Climepsi, Lisboa.

Wilde, O. (1891). A alma do homem sob o socialismo. L&PM Pocket.

Zimmerman, D. (2004). Bion. Da Teoria à Prática. Artmed. Porto Alegre.

Zink, R. (2012). A instalação do medo. FNAC/Teodolito.